

LEITURA DE IMAGEM E DE MUNDO: possibilidades educativas em espaços formais e não formais de educação em artes

Image and world reading: educational possibilities in formal and non-formal spaces of education in art

Tatiane Jeruza Odorizzi¹

Resumo: O presente artigo traz reflexões acerca das imagens (produto da criação humana) que comunicam e possibilitam leituras. Devido à contemporaneidade estar cercada pelas imagens, há uma grande necessidade de compreendê-las. Para isso, é fundamental que as pessoas entendam esses códigos, e que, da mesma maneira como são alfabetizadas por palavras, também sejam por imagens. O termo leitura de imagens será abordado com base em vários pesquisadores na área de arte-educação, tanto em espaços formais como não formais de educação. Os espaços formais (as escolas) podem contribuir de maneira significativa, já que é por meio delas que a maioria dos indivíduos tem contato com a arte. Além de obras de arte, é preciso que se leia imagens do cotidiano, como: cinema, televisão, publicidade etc. Os espaços não formais de educação (os museus) também podem contribuir para desenvolver esse processo, pois é onde os indivíduos tem o contato direto com a arte e podem visualizar suas características e peculiaridades. O contato com imagens e suas possíveis leituras, realizadas de maneira adequada, desenvolvem a capacidade do indivíduo de refletir sobre sua história, seu contexto e, possivelmente poderá agir com maior consciência, lendo também o mundo e suas múltiplas faces, projetando com mais qualidade seu futuro.

Palavras-chave: Leitura de imagem. Escolas. Museus.

Abstract: The present article brings reflexions about images (product of human creation) that communicate and make reading possible. Because contemporaneity is surrounded by images, there is a great need to understand them. For that, it is fundamental that people understand these codes, and, that the same way they are taught by words, they be by images too. The term image reading will be approached based on many researchers in the area of art education in formal and non-formal spaces. The formal spaces (the schools) can contribute significantly, since it is through them that most individuals get in touch with art. Besides art work, it is necessary to read everyday images such as: cinema, television, publicity, etc. The non-formal educational spaces (museums) can also contribute to develop this process, because it is where individuals get directly in touch with art and can view its characteristics and peculiarities. The contact with images and its possible readings - made adequately - develop the capacity of the individual reflecting on his history, his context, and he will probably be able to act more consciously, also reading the world and its multiple faces, projecting his future with more quality.

Keywords: Image reading. Schools. Museums.

Introdução

O ser humano, em sua essência, é um ser comunicativo. Utiliza a linguagem como meio para viver em sociedade, se relacionar, compreender o mundo a sua volta.

Uma das maneiras como ele desenvolve sua comunicação é por meio de imagens, desde os primórdios da humanidade.

Essas imagens, na contemporaneidade, estão presentes na vida das pessoas de maneira muito intensa, basta observar a mídia, a internet, o cinema, a publicidade, todos esses meios utilizam imagens para comunicar. Neste sentido, entendê-las é fundamental para que exista

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniasselvi.com.br

uma compreensão desses significados, que podem variar de acordo com a cultura e o contexto histórico nos quais estão inseridos.

Neste artigo, foram abordadas algumas reflexões sobre o termo leitura de imagem e a importância de desenvolver tal conhecimento.

No segundo tópico, há definições da palavra imagem, a sua importância, além da reflexão que pode despertar por meio de suas leituras.

O tópico seguinte aborda as possibilidades de leitura de mundo que podem ser realizadas por meio da leitura de imagem de obras de arte e também do cotidiano, possibilitando assim, a ampliação da consciência visual que, para Buoro (2002, p. 46), contribui para “a construção de um repertório de imagens significativas para o sujeito, capacitando-o a imaginar, a criar, a ressignificar, a criticar e a escolher entre uma infinidade de ações possíveis”.

O quarto tópico traz contribuições para o profissional que trabalha em espaços formais de educação, as escolas. O arte-educador precisa entender que: “imagens impõem presenças que podem persistir ignoradas ou subestimadas em sua potencialidade comunicativa por editores e educadores, mas que, ao contrário, devem ser devidamente exploradas e lidas, o que implicaria ganho evidente para o processo educacional” (BUORO, 2002, p. 34).

Em seguida, o penúltimo tópico trata das possibilidades de se desenvolver a leitura de imagem em museus de arte, que são espaços não formais de educação, por meio de visitas mediadas que ampliam o diálogo e a construção de conhecimento em artes.

Para finalizar o artigo, mas não os questionamentos acerca do conteúdo, constam as considerações finais, que reforçam a importância de se trabalhar com imagens e suas leituras na atualidade.

Leitura de imagens em um mundo de imagens

O cotidiano, na contemporaneidade, é constantemente cercado por imagens. Entre vários exemplos, pode-se citar: revistas, televisão, internet, *outdoors*, cinema. Essas imagens influenciam de maneira significativa os modos de vida e as atitudes humanas, estimulando, muitas vezes, o consumo de produtos, determinando comportamentos e ideologias, já que a grande maioria das pessoas aceita as informações sem questionar ou refletir sobre tal comportamento.

A palavra imagem deriva do latim *imago*, que significa figura, sombra, imitação (SESC, 2012).

Segundo o dicionário Aurélio (2004), a definição de imagem é:

Imagem. S.f. 1. Representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto. [...] 5. Reprodução invertida, de pessoa ou de objeto, numa superfície refletora ou refletidora. 6. Representação dinâmica, cinematográfica ou televisionada, de pessoa, animal, objeto, cena etc. 7. Representação exata ou analógica de um ser, de uma coisa; cópia. 8. Aquilo que evoca uma determinada coisa, por ter com ela semelhança ou relação simbólica; símbolo. 9. Representação mental de um objeto, de uma impressão etc. 10. Produto da imaginação, consciente ou inconsciente; visão. 11. Manifestação sensível do abstrato ou do invisível. 12. Metáfora.

Para Coll e Teberosky (2000, p. 11), “as imagens visuais são constituídas por formas, linhas e pontos, que percebemos pela visão, mas dependem da luz e da nossa experiência”, ou seja, para vermos as cores e as formas de algum objeto ou obra de arte, é preciso que esteja iluminado, caso contrário, não pode ser visto. Podem-se imaginar as cores se em algum outro momento elas já tiveram sido vistas.

“As imagens, além de informar, provocam emoções. [...] Outras imagens dão mais importância às propriedades expressivas de sua época. Nesse caso, os artistas procuram explorar as formas artísticas para conseguir efeitos estéticos” (COLL E TEBEROSKY, 2000, p. 11).

As imagens sempre fizeram parte da vida humana, utilizadas para comunicar.

Há milhares de anos, as pessoas fazem imagens que representam o mundo que as rodeia, utilizando diferentes materiais, técnicas e formas de expressão. Atualmente, existem as imagens que também podem ser feitas utilizando-se meios tecnológicos, como a câmara fotográfica e a filmadora.

Com o desenvolvimento das tecnologias, essas imagens estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, alterando também a maneira como estas adquirem o conhecimento. Para compreender melhor essas influências na vida das pessoas na contemporaneidade, é preciso perceber que:

O universo da imagem vive hoje a sua fase pós-fotográfica, querendo dizer com isso uma fase em que a imagem – e sobretudo a imagem tecnicamente produzida – libera-se finalmente do seu referente, do seu modelo ou daquilo que nós chamamos um tanto impropriamente de a “realidade”. [...] A convivência diária com a televisão e com os meios eletrônicos em geral vem mudando substancialmente a maneira como o espectador se relaciona com as imagens técnicas e isso tem consequências diretas na abordagem da fotografia. [...] A imagem se oferece agora como um “texto” para ser decifrado ou lido pelo espectador e não mais como paisagem a ser contemplada (MACHADO, 1997, apud SESC, 2012, p. 97).

Nesse contexto, é fundamental que se compreendam essas imagens como textos visuais repletos de significados. Há uma necessidade de aprender lendo imagens e não apenas palavras. Desse modo, estará ampliando-se a visão de mundo dos indivíduos, oportunizando-lhes enxergar além de casas e muros, mas também pontes e universos possíveis ampliados pela sensibilidade desenvolvida por cada um.

O termo abordado neste artigo será leitura de imagens na educação formal: as escolas; além da educação informal: os museus de arte (neste caso específico).

A pesquisadora em arte Ana Mae Barbosa, referência no Brasil em termos de Arte Educação cria a Proposta Triangular fundamentada no estudo da *Discipline Based Art Education* – DBAE, que determina três eixos norteadores para a disciplina de artes visuais: apreciação ou fruição (leitura de imagem), contextualização (história da arte) e produção (criação de trabalhos artísticos). Com relação ao eixo da apreciação, Ana Mae (2002, p. 34) afirma:

Temos que alfabetizar para a leitura de imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

Nesse sentido, é fundamental que os arte-educadores de espaços formais e não formais de educação estejam preparados e munidos desse conhecimento, e que possam construir com seus alunos, leitores de imagens, um sólido conhecimento em artes.

Outra pesquisadora do tema é Maria Helena Wagner Rossi, que realizou uma pesquisa com 168 alunos de quatro escolas da cidade de Caxias do Sul - RS. Inspirou-se nos trabalhos de Parsons (1992, 1993, 1999) e Fremann (1995, 1997, 1999) como metodologia de coleta dos dados. Com base nesses autores, Rossi elabora uma proposta de classificação, onde relaciona

três níveis de pensamento estético. A autora analisa alunos com familiaridade com arte e outros que não a possuem.

A autora Anamelia Bueno Buoro (2002, p. 13) trata da leitura de imagens com base na semiótica greimasiana, “escolhida como um dos possíveis caminhos para a leitura visual, a qual considera a arte como linguagem e a produção artística como texto estruturado a partir de relações sintáticas e semânticas”. A autora acredita que a produção de obras de arte é plena de sentidos, portanto, cada pessoa que realizar uma leitura de imagem estará encontrando um significado, realizando um percurso para encontrar esse sentido. Existe uma relação entre obra de arte e aquele que a vê. Partindo da estrutura da obra, o leitor passa a atingir outros níveis, aprofundando-se na construção de sentido do texto.

Já a pesquisadora Sandra Ramalho e Oliveira (2005) pesquisa imagens estéticas, que fazem parte do cotidiano, como: frascos de perfumes, peças publicitárias, artesanato etc. A autora cria um modelo para ler imagens e salienta a importância de se fazer uma leitura referente à cultura visual, pois, dessa maneira, o aluno estará em contato direto com o objeto a ser lido, percebendo mais detalhadamente as peculiaridades.

Nesse sentido, é importante que o aluno esteja em contato com a produção artística exposta em museus. A leitura de imagem pode ser mais rica e pertinente, pois estará diante da obra original, perceberá detalhes, tamanho, enfim, as características que uma reprodução fotográfica não permite perceber.

Os espaços não formais podem enriquecer o trabalho de educação em artes, proporcionando um contato direto com o texto visual a ser lido e interpretado. Maria Helena Barbosa (2010) salienta a importância dos museus e da necessidade de o arte-educador realizar uma visita mediada, aproximando os alunos e o público das obras de arte e de suas várias possibilidades interpretativas.

Ler imagens para ler o mundo

Assim como as crianças aprendem desde pequenas a ler textos, entender as palavras e como escrever corretamente, é preciso estimular a leitura de imagens. São conhecimentos que se relacionam e se complementam.

Desse modo, entender como se dá esse processo e ser capaz de realizar uma leitura de imagem, seja ela obra de arte, objeto do cotidiano ou qualquer outro texto visual que tenha significado, é fundamental em um contexto contemporâneo, e a escola deve ser um espaço que proporcione tal conhecimento. Rossi (2003, p. 11) afirma que: “o olhar estético tem natureza e função diferentes do olhar banal, cotidiano. E é apenas através da educação formal que a maioria dos brasileiros poderá ter a oportunidade de desenvolver tal olhar”.

Nesse sentido, o educador em arte precisa ter conhecimento sobre como realizar essas leituras, ampliando o acervo pictórico dos alunos, selecionando as imagens que podem ser levadas à sala de aula. Segundo Rossi (2003, p. 10): “hoje, já existe uma consciência maior de que a seleção das imagens a serem analisadas deve ser abrangente e diversificada, incluindo, ao lado da arte erudita, as manifestações populares e as imagens da mídia”. Dessa forma, além de ampliar a leitura para imagens do cotidiano, permite um olhar mais crítico acerca da própria vida, aproxima o leitor da sua realidade, estimula reflexões, conscientiza sobre como essas imagens influenciam escolhas e atitudes. A publicidade procura seduzir as pessoas, além disso, utiliza imagens que:

[...] sugerem o que devemos fazer, o que devemos necessitar, o que devemos valorizar ou desejar. Moldam pensamentos e comportamentos. [...] A leitura dessas imagens é

um meio para a conscientização de que somos os destinatários de mensagens que pretendem impor valores, ideias e comportamentos que não escolhemos (ROSSI, 2003, p. 9).

Cientes desses mecanismos, os alunos passam a compreender de maneira mais ampla esse universo comunicativo existente, possibilitando maior consciência de seus comportamentos e escolhas.

Com relação à leitura de obras de arte, SESC (2012, p. 5) afirma que através delas:

[...] é possível aprender a decifrar a gramática do mundo visual. Para ler imagens, é preciso conhecer seus códigos. No entanto, apenas decodificar as imagens não é suficiente; é necessário, também, saber julgar a qualidade dessas imagens, dando sentido a elas no presente, percebendo suas relações com o passado e suas previsões para o futuro.

É preciso educar o olhar, para que os alunos passem também a ler e interpretar o mundo que os cerca. Essa educação estética é possível com o auxílio do professor por meio de atividades mediadas, o que estimula a aquisição do conhecimento no campo visual.

Caminhos possíveis para leitura de imagem em espaços formais de educação

No contexto escolar, a leitura de imagem, em muitos casos, ainda não é realizada com êxito. Por desconhecimento de alguns, bem como por outros motivos. Por isso, é importante que o professor amplie, primeiramente, suas possibilidades de leitura, visitando museus, lendo imagens do cotidiano e de arte, entre outras questões, para posteriormente possibilitar aos alunos o acesso ao saber contido nas imagens.

Uma das várias possibilidades de leitura de obras de arte é elaborada por Anamelia Buoro, Beth Kok e Eliana Aloia Atihé (2012), que consiste em primeiramente olhar e ver a obra, deixando o leitor livre, mas atento aos detalhes da imagem. Em seguida, há trocas de informações e comentários entre os alunos. Dessa maneira, abrem-se as portas para a leitura de imagem acontecer. Após isso, surge o momento de descrever os detalhes que foram observados, além de perguntas e questionamentos. É preciso analisar, buscar relações entre os elementos da imagem, como suas cores, formas, tamanho, descobrindo assim como a obra foi criada. Dando continuidade à leitura, é preciso relacionar texto e contexto, ou seja, a obra de arte foi criada em um determinado local, período histórico, por um artista tal, e essas informações ajudam a encontrar o significado da obra. A interpretação finaliza a leitura, que pode ser construída por meio de uma poesia, música, ou outra imagem com base na obra de arte utilizada para leitura de imagem. Esse roteiro pode auxiliar o professor, porém, ele deve estar atento à faixa etária dos alunos, utilizando as etapas pertinentes ao seu desenvolvimento e sua maturidade.

Outra possibilidade interessante é um modelo de leitura de imagem criado por Sandra Ramalho e Oliveira (2005), que pode ser feito com produtos do *design*, artesanato, publicidade etc. Segundo a autora, pode-se considerar a imagem um “texto”, afinal, ela gera sentido e tem significado. Para iniciar a leitura, é necessário “definir a linha ou as linhas que determinam a macroestrutura da imagem visual” (2005, p. 49).

Após, identifica-se os elementos constitutivos (linhas, pontos, cores, formas etc.), além dos procedimentos relacionais (as relações que se articulam entre os elementos para constituir a imagem). É preciso que o leitor transite entre um ou vários elementos ou procedimentos e que busque sempre desvelar novos conhecimentos a partir da imagem, pois “são inúmeras trilhas

que se entrecruzam no visível da imagem (plano de expressão) ao mesmo tempo em que tecem a significação (plano de conteúdo)” (OLIVEIRA, 2005, p. 53).

Por isso é tão importante que o leitor observe minuciosamente, percebendo os pontos fundamentais da imagem, para, “a partir deles, recriar, traduzindo uma teia de elementos e procedimentos significantes que, como tal, é construída por meio de linhas paralelas, concêntricas, todas relacionadas” (OLIVEIRA, 2005, p. 53).

O caminho para realizar uma leitura de imagem não é simples, mas a autora propõe um “referencial mínimo” que instigue o leitor a construir uma leitura: encontrar significados na imagem cotidiana ou nas obras de arte e que a partir da curiosidade que a imagem provocar, o leitor busque outros conhecimentos, além dos que já possui.

Maria Helena Wagner Rossi (2003) fala sobre leitura de imagens, com base em uma pesquisa com alunos, observando níveis de classificação que são descritos da seguinte maneira pela autora:

Nível 1: gera uma leitura realística (não mentalística), enfocando o real, o concreto, o fisicamente representado na imagem. [...] O aluno já está de posse da habilidade cognitiva que lhe permite considerar as potencialidades do objeto do conhecimento (no caso, a imagem) e não apenas o que está presente no momento em que olha para a imagem, como é o caso da criança da educação infantil. [...] O leitor pode pensar no potencial, mas não ainda no possível. [...] Não há consciência da intencionalidade e da autonomia do artista para usar símbolos ou metáforas. [...] Não há distinção entre o julgamento moral e estético, com a fusão dos termos bom/belo e ruim/feio (ROSSI, 2003, p. 124-125).

No segundo nível, ocorrem algumas mudanças:

Caracterizado pela transição de um pensamento que enfoca as relações mais ingênuas, bem como as mais sofisticadas, na busca de argumentos para a compreensão da arte. [...] Como o aluno ainda não está completamente de posse das habilidades do pensamento formal, ele mantém um vínculo com a concretude das coisas representadas na imagem. [...] Continua havendo a indistinção entre o julgamento moral e estético, já que são as qualidades do tema (transferido para a imagem) que merecem julgamento e não a obra em si. [...] Nível 2 é um pensamento intermediário na evolução da compreensão do sentimento na arte (ROSSI, 2003, p. 125-126).

No terceiro e último nível, é possível perceber que:

[...] os significados deixam de ser buscados no mundo concreto, ou no mundo interior do artista, para serem buscados nas subjetividades presentes no momento da apreciação estética. [...] No primeiro momento no nível 3, o aluno é capaz de se desvencilhar da determinação do mundo e pensar em possibilidades. Sua interpretação transcende o que está presente concretamente na obra, para supor outras possibilidades. [...] No segundo momento do nível 3, o leitor deixa de ver a si próprio como um decifrador das intenções do artista, para procurar o significado da obra na sua própria subjetividade, que passa a ser outra fonte de interpretação. [...] No nível 3, a interpretação revela o sentido abstrato (tema subjetivo) dos elementos da obra/imagem. [...] A ele importa se a obra tem uma mensagem, uma ideia que o faça refletir sobre questões importantes da existência humana. [...] O nível 3 deve sua existência ao pensamento formal e à familiaridade com a arte e a discussão estética (ROSSI, 2003, p. 126-127).

Os resultados obtidos de acordo com a pesquisa da autora demonstraram que os alunos

que tem familiaridade com arte, com atividades de leitura de imagem na escola, conseguem desenvolver sua leitura estética de maneira mais efetiva do que os alunos que tem pouco acesso a elas. Além disso, o meio sociocultural e as experiências vividas contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento dos estudantes.

Não basta ter apenas contato com a arte e realizar esporadicamente leituras, é fundamental que o professor conheça seus alunos e saiba qual o nível de desenvolvimento deles, para a partir disso, elaborar suas ações com vista a ampliar e aprofundar os conhecimentos existentes. Caso contrário, o professor corre o risco de focar apenas no que ele considera produtivo e pertinente. O aluno deve ser ouvido e seu desenvolvimento respeitado.

A imagem precisa ser observada por um olhar sensível, que deve ser desenvolvido pelo aluno, para que ela deixe de ser apenas produto do mundo externo, e passe a ter sentido e significado para a vida do estudante, tendo consciência de que também ele é capaz de criar, compreender, criticar, imaginar, entre outras ações possíveis.

Vários são os caminhos que o educador pode percorrer para realizar a leitura, sempre atento à sua realidade, ao contexto, ao acesso dos alunos, aos meios culturais. É imprescindível que ouse e experimente novas práticas, para então escolher a que melhor se aplica a sua realidade. Buoro (2002, p. 33) acredita “que muitas metodologias de leitura de imagem possam ser ampliadas e aprofundadas, partindo de novos subsídios teóricos que auxiliem o educador de arte nesse trabalho”.

A escola, como espaço formal de educação, tem esse papel importante, mas não é o único que pode possibilitar tal conhecimento. Os museus de arte, além de complementar, podem ampliar as possibilidades de leitura.

Leitura de imagem em espaços não formais de educação

Os museus são espaços não formais de educação, que também podem possibilitar a educação do olhar, ampliando as vivências dos alunos a partir do contato direto com obras de arte.

Esses espaços precisam ser vistos de maneira que propiciem a interação das pessoas, uma participação na construção de sentido e novas oportunidades de se ver o mundo e a vida, pois:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose (SBM, 2012).

Portanto, os museus não são apenas espaços onde são guardados objetos e obras de arte antigas, podem estar “abertos” para oportunizar encontros de pessoas, de conhecimentos, de memórias, ou seja, de comunicação que gera conhecimento.

Para que esses espaços proporcionem esse conhecimento e ampliem de fato as possibilidades de leitura de imagem, o arte-educador de museu precisa estar preparado para mediar esse processo, além disso: “deve estar atento aos níveis de compreensão estética para trabalhar a leitura da obra de arte de forma que as perguntas formuladas correspondam ao entendimento dos públicos. [...] deve possibilitar que os públicos ampliem conhecimentos durante a mediação” (BARBOSA, 2010, p. 150).

A visita mediada é indicada para o público escolar, pois estimula a participação e a reflexão dos alunos, permite a comunicação e o seu envolvimento, que passam a ter um olhar mais atento acerca dos detalhes e das relações de significados das obras de arte.

As leituras podem gerar diversas interpretações para apenas uma obra, dependendo do público, da faixa etária, do contexto social em que vive, entre outros fatores. O arte-educador deve respeitar essas particularidades, além de estimular os alunos por meio de perguntas, de questionamentos, para que suas percepções sejam ampliadas, o que contribui para que tenham uma visão mais crítica acerca da realidade.

Para Maria Helena Rosa Barbosa (2012), as propostas educativas no museu, nas quais se prioriza trabalhar a partir dos objetos e do diálogo, exigem uma postura diferenciada do educador, tanto em relação ao seu planejamento quanto na sua interação com o público. Diante dessas concepções, é primordial a realização da “visita mediada”, na qual o educador abre espaço para que o público tenha voz por meio do lançamento de questões que instiguem os visitantes a um olhar mais atento para a obra, a fim de que eles falem sobre suas próprias interpretações, como também levantem outros questionamentos e reflitam sobre as questões socioculturais que as obras suscitam. Ser “mediador” em uma exposição no museu não é tarefa fácil, mas sim um desafio para todos aqueles que entendem que esse espaço é um local de apropriação do conhecimento e reflexão sobre as questões que envolvem os saberes dos visitantes e suas relações com o mundo em que vivem.

O contato com a arte em museus proporciona uma leitura diferente, pois as imagens ali expostas permitem a apreciação de detalhes, como tamanho, cores, suporte, relações possíveis com outras obras.

A arte contemporânea tem aspectos muito particulares, envolvendo, muitas vezes, o público que se integra à obra. A leitura não precisa estar focada em descobrir a proposta do artista, nem a intenção deste em realizar sua obra, mas ao contrário disso, é o apreciador quem irá construir esse significado, ou o sentido que este identifica.

Por isso, as mediações no museu são tão importantes, pois auxiliam os indivíduos na busca de significados para a obra de arte, respeitando a maneira como cada pessoa faz sua leitura ao se deparar com questões vividas e muitas vezes representadas nas obras. Há uma busca por conhecimento que ultrapassa os suportes, gera emoções, estranhamentos, questionamentos, mas é preciso que haja uma entrega desse indivíduo, que ele vivencie essa apreciação. É que o arte-educador tenha a competência de lidar com os variados públicos, seus estágios de compreensão estética, buscando ampliar e aprofundar essa compreensão.

Essas possibilidades de leitura podem contribuir para que os indivíduos, ao saírem do museu, não sejam os mesmos que entraram, pois estarão sensibilizados para continuarem suas leituras de imagem, bem como as de mundo.

Considerações finais

O termo leitura de imagens não se esgota nesta pesquisa. É um conteúdo muito importante, e que deve ser trabalhado nas aulas de artes como também em museus de arte, além das diversas disciplinas do currículo escolar, pois amplia a percepção e a criticidade dos alunos.

Devido ao acesso, cada vez mais rápido de imagens, sejam elas estáticas ou que tenham movimento, como a programação televisiva, cinema, vídeos, enfim, a tecnologia que proporciona diariamente o contato com as imagens, é preciso que os indivíduos possam lidar com essas informações. Quanto maior for a sua compreensão, tanto maior será a capacidade de refletir e entender a própria vida.

Além disso, o contato com obras de arte expostas em museus, como também objetos do cotidiano, peças publicitárias, imagens em movimento requerem conhecimento e uma postura mediadora do arte-educador.

Não basta mostrar imagens, é preciso relacionar, buscar o significado, o contexto histó-

rico em que a obra foi produzida, os materiais utilizados, e o que ela pode contribuir nas leituras de mundo.

É preciso compreender a gramática visual para propor atividades construtivas e que possam gerar dúvidas, pesquisas, enfim, conhecimento.

Nos museus, o arte-educador precisa respeitar os estágios de compreensão dos leitores e ter como proposta de trabalho visitas mediadas que possibilitam a comunicação, a reflexão e o aprofundamento das leituras.

É fundamental que se eduque o olhar, sensibilizando desde cedo as crianças para que cresçam em tamanho e em competência para lidar com a vida e com o conhecimento.

A arte revela, de maneira singular, que cada ser é parte de um todo, e que cada parte é fundamental. Como um grande quebra-cabeça, se faltar uma peça, a imagem não se completa.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Maria Helena Rosa. **Leituras de imagens e o ensino da arte**: considerações em educação não formal – em museus. III Seminário Leitura de Imagens para a Educação: múltiplas mídias. Florianópolis, 2010.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**. A leitura de imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BUORO, Anamelia Bueno; KOK, Beth; ATIHÉ, Eliana Aloia. **Coleção Arte na Escola - o leitor de imagem**. Disponível em: <http://www.artenaescola.com/links/documentos/Encarte_03_formacao.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2012.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte**. Conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental. São Paulo: Ática, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Tipo de arquivo: Aplicativo. Versão do aplicativo: 1.0.0.1
Direitos autorais: Copyright (C) 2004. Disponível em: <<http://universodosandroids.blogspot.com.br/2015/03/baixar-o-dicionario-aurelio-apkdata-v204.html>>. Acesso em: 14 set. 2012.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2005.

ROSA BARBOSA, Maria Helena. A Máscara e a Face: “proposta de instrumento de mediação e análise crítica” de uma obra de arte em educação não-formal. In: Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP/ organizadoras: Sandra Regina Ramalho e Oliveira, Sandra Makowiecky. Florianópolis: UDESC, 2008. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/116.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SESC. Departamento Nacional. Divisão de Programas Sociais. Gerência de Cultura. **Espec-tador em trânsito, videoinstalações**: material educativo/ SESC, Departamento Nacional, Divisão de Programas Sociais, Gerência de Cultura; textos de Martin Grossmann; pesquisa e curadoria educativa Luiz Guilherme Vergara, Bia Jabor. – Rio de Janeiro: SESC, Departamen-to Nacional, 2012.

SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu_apresentacao.htm>. Acesso em: 14 set. 2012.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.